



“O GIGANTE ACORDOU” ENQUANTO MITO NO IMAGINÁRIO NACIONAL

“THE GIANT AWOKE”
AS A MYTH IN THE NATIONAL IMAGINARY

Ademilton dos Santos Prada
*Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura - Universidade
Federal da Bahia*

Resumo: O presente trabalho resulta de uma pesquisa qualitativa na área de Análise de Discurso de tradição francesa pecheutiana, baseada nos pressupostos teóricos de formação discursiva [Pêcheux (2009)], sujeito [Pêcheux (2009); Orlandi (1999)] e memória discursiva [Pêcheux (1999); Orlandi (1999; 2009); Indursky (2009)]. O seu objetivo principal consistiu em identificar os deslizamentos de sentido do enunciado “O Gigante Acordou” em fatos ocorridos em momentos distintos da história nacional. Para tanto, foram levantadas as condições de produção deste enunciado no imaginário nacional: primeiro, através de um olhar recuado sobre as menções do enunciado “gigante adormecido” na literatura e na historiografia brasileiras do século XIX, assim como em sua alusão no Hino Nacional, escrito já no século XX; segundo, através de um olhar sobre o ressurgimento do enunciado “o gigante acordou” em determinados períodos dos séculos XX e XXI, a exemplo de uma publicação da Revista Tico-Tico, durante Estado Novo, entre 1937 e 1945; de um cartaz, durante a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964; de uma campanha publicitária realizada pela empresa *Johnnie Walker* em 2011; assim como nos protestos de rua ocorridos em junho de 2013, quando tal enunciado se transformou em uma palavra-de-ordem bastante difundida, tanto na internet, quanto nas ruas de diversas cidades do país.

Palavras-Chave: O gigante acordou; Memória discursiva; Formação discursiva; Sujeito.

Abstract: The present paper is a qualitative research in Discourse Analysis of PÊCHEUX French tradition, based on the theoretical assumptions as discursive formation [Pêcheux (2009)], subject [Pêcheux (2009); Orlandi (1999)] and discursive memory [Pêcheux (1999); Orlandi (1999; 2009); Indursky (2009)]. The main objective of this research was to identify meaning dislocation of the enunciate “The giant awoke” in fates that happened at different moments of national history: first, looking back the uses of the sentence “The sleeping giant” in national literature and historiography of the nineteenth century, as well as in the National Anthem written in twentieth century; second, looking back to the resurgence of the statement “The giant awoke” at different moments of twentieth and twenty first centuries like in the publication of Tico-Tico Journal during New State, between 1937 and 1945; in one

poster during the March of Family with God for Liberty in 1964; at the Johnnie Walker company advertising campaign in 2011; and finally, at the protest occurred in June 2013, when this utterance became the expression spread through internet and at the streets in many cities of the country.

Keywords: *The giant awoke; Discursive memory; Discursive formation; Subject.*

INTRODUÇÃO

Durante a onda de protestos ocorrida no Brasil, em junho de 2013, o enunciado “O Gigante Acordou” se transformou em uma das palavras-de-ordem mais utilizadas por milhares de manifestantes que foram às ruas em várias cidades do país, sendo ostentada em diversas faixas e cartazes, ao longo dos atos públicos. A expressão “#ogiganteacordou” também se tornou em uma das *hashtags*¹ mais citadas da internet – durante e após os protestos –, ao ser exaustivamente compartilhada nas redes sociais e em diferentes *sites*, pontuando milhares de publicações e comentários marcados por mensagens de exortação popular, exaltação patriótica, reprovação à corrupção dos políticos, dentre outras formas de manifestação política.

Contudo, a aparição de tal enunciado não é algo que se restringe aos acontecimentos de 2013, visto que, a partir dos dados levantados nesta pesquisa, atestou-se que o mesmo vem deslizando, de modo parafrástico e/ou via efeito metafórico, por sentidos e sujeitos diferentes, em momentos distintos, no decorrer dos últimos três séculos da história nacional.

Assim, na atual pesquisa, amparada pelos pressupostos teóricos formação discursiva e sujeito e memória discursiva, oriundos da Análise de Discurso de tradição francesa pecheutiana, buscou-se identificar os deslizamentos de sentido do enunciado “O Gigante Acordou”, enquanto acontecimento discursivo ocorrido em momentos distintos da história do país. Para tanto, foram levantadas as condições de produção deste enunciado no imaginário nacional: primeiro, através de um olhar recuado sobre as menções do enunciado “gigante adormecido” na literatura e na historiografia brasileiras do século XIX, assim como em sua alusão no Hino Nacional, escrito já no século XX; segundo, através de um olhar sobre o ressurgimento do enunciado “o gigante acordou” em determinados períodos dos séculos XX e XXI, a exemplo de uma publicação da Revista Tico-Tico, durante o Estado Novo, entre 1937 e 1945; de um cartaz, durante a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964; de uma campanha publicitária realizada pela empresa *Johnnie Walker* em 2011; assim como nos protestos de rua ocorridos em junho de 2013.

¹ “*Hashtags* são palavras-chave precedidas pelo caractere cerquilha (#), que designam um assunto que se está discutindo, em tempo real, em redes sociais, tais como: Twitter, Facebook e Instagram. As *hashtags* se tornam *hyperlinks* dentro da rede e indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, usuários podem clicar nas *hashtags* ou buscá-las em mecanismos como o Google para ter acesso a todos que participaram da discussão”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>>.

1 O MITO DO “GIGANTE ADORMECIDO” NA HISTORIOGRAFIA E NA LITERATURA BRASILEIRAS E A SUA ALUSÃO NO HINO NACIONAL

Pode-se confirmar que as primeiras menções sobre tal enunciado de que se tem registro, deram-se, sob o signo de um “Gigante Adormecido”, ainda no século XIX, quando a historiografia e a literatura brasileiras buscavam construir a identidade nacional de um país que acabara de surgir, após três séculos sob o jugo da colonização portuguesa.

Na historiografia, ele foi citado pelo famoso historiador Varnhagen, ao descrever a cadeia de morros situada na cidade do Rio de Janeiro que, quando avistada pelos navegantes da entrada da baía de Guanabara, apresenta-se:

[...] Como um gigante colossal deitado ressupino, da forma que dormiam os índios do país. Os nautas o encaram tranquilos e o admiram à vontade; por quanto ao vê-lo, quando chegam, já consideram terminados os riscos da viagem. A barra do Rio de Janeiro é das que se conhecem com mais fácil entrada² (VARNHAGEN, 1854, p. 250).

Já no campo da literatura, o poeta Gonçalves Dias foi um dos primeiros a citá-lo, ao publicar o poema “O Gigante de Pedra”, inspirado em um mito dos índios Tamoios, quando descreve a mesma cadeia de morros como um “Gigante orgulhoso, de fero semblante” que “num leito de pedra [...] jaz a dormir! [...] co’os braços no peito cruzados nervosos, [...] seu corpo se estende por montes fragosos, / seus pés sobranceiros se elevam do mar” (GONÇALVES DIAS, 1851, p. 01-02).



FIGURA 01: “Gigante de Pedra”³ visto do mar, ao longo da cidade do Rio de Janeiro (*blog Metabolismo Basal*).

No decorrer das cinco partes do poema, o autor descreve a natureza local, apontando os índios Tamoios como os primeiros habitantes da Guanabara, até serem expulsos pelos Tupinambás, que foram sucedidos pelos colonizadores portugueses, enquanto o gigante, contrariando a profecia dos antigos Tamoios de que um dia despertará, mantém-se adormecido:

[...] O gigante de granito:

² Para uma melhor compreensão dos fragmentos retirados dos textos de Varnhagen, Gonçalves Dias e Castro Alves, algumas palavras foram adequadas à ortografia do português atual.

³ A pedra da Gávea, à esquerda da imagem, consiste na cabeça; o Pão-de-Açúcar, à direita, forma os pés. O morro mais elevado, no meio do gigante, é o Corcovado, onde se encontra o Cristo Redentor.

Com soberba indiferença
Sente extinta a antiga crença
Dos Tamoios, dos Pajés;
Nem vê que duras desgraças,
Que lutas de novas raças
Se lhe atropelam aos pés! (GONÇALVES DIAS, 1851, p. 05).

Assim como o mesmo se mantém indiferente à intensa urbanização que acontece ao seu redor:

Mudaram-se os tempos e a face da terra,
Cidades alastram o antigo paul;
Mas inda o gigante que dorme na serra
Se abraça ao imenso cruzeiro do sul (GONÇALVES DIAS, 1851, p. 08).

Todavia, apesar de ele estar adormecido em sono profundo, o autor aponta-o, na penúltima estrofe do poema, como o guardião do país:

Nas duras montanhas os membros gelados
Talhados a golpes de ignoto buril,
Descansa, ó gigante, que encerras os fados,
Que os términos guardas do vasto Brasil (GONÇALVES DIAS, 1851, p. 08).

Em seguida, na última estrofe, observa-se que Gonçalves Dias, como poeta indianista, lançou mão do mito dos índios Tamoios para criar e difundir o ideal de patriotismo em uma nação ainda nascente, quando identifica o despertar do gigante com a constituição da pátria brasileira:

Porém se algum dia fortuna inconstante
Poder-nos a crença e a pátria acabar,
Arroja-te às ondas, ó duro gigante,
Inunda estes montes, desloca este mar! (GONÇALVES DIAS, 1851, p. 08).

Ainda no século XIX, o poeta Castro Alves publica o poema “À Maciel Pinheiro”, que contém uma estrofe inspirada no poema de Gonçalves Dias ao fazer menção ao “Gigante Adormecido” da baía de Guanabara:

E quando o barco atravessar os mares,
Quais pandas asas, desfraldando a vela,
Há de surgir-te esse gigante imenso,
Que sobre os morros campeando vela...
Símbolo de pedra, que o cinzel dos raios
Talhou nos montes, que se alteiam mais...
Atlas com a forma do gigante povo [...] (CASTRO ALVES, 1870, p. 52).

Neste trecho, nota-se que há uma paráfrase do discurso enunciado na penúltima estrofe do poema anterior, ao identificar o “Gigante de Pedra” com a própria nação brasileira, pois, enquanto Gonçalves Dias se dirige ao mesmo como aquele que “os términos guardas do vasto Brasil”, Castro Alves depura/desenvolve/ressignifica esse discurso ao definir o gigante como um

“Atlas com a forma do gigante povo”. Diante de tais trechos relatados, torna-se evidente a tarefa dos literatos do século XIX em incutir, no imaginário nacional, o ideal ufanista (no sentido ideológico do termo) de se conceber o Brasil e o povo brasileiro como gigantes a partir de uma formação discursiva patriótica.

Em *Análise de Discurso* (doravante AD), “a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas*” (PÊCHEUX, 2009, p. 132). Assim, o conceito de *formação discursiva* se define como “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Nesse sentido, cabe destacar a importância da obra de Gonçalves Dias como um pilar da construção de uma identidade nacional no imaginário popular, a partir de uma formação discursiva patriótica, ao exaltar as virtudes (o que pode e deve ser dito) e ocultar os defeitos (o que não-pode e não-deve ser dito) do Brasil, pintando-o para os brasileiros sempre como um gigante – por possuir um imenso território, por conter uma natureza exuberante –, com o intuito de despertar na nação, ainda embrionária, o amor pela pátria, conforme afirma Bomfim (1998, p. 391):

[...] Com a sua lira, clarearam-se estes céus no fulgor de uma poesia especialmente para o amor do Brasil. Não julgamos bem dos seus efeitos porque, ao chegarmos à vida, já encontramos um mundo possuído de ideais – simples, fáceis... em todo caso ideais, sobretudo, o de uma pátria gloriosa e livre. Mas, pensemos que todas as anteriores gerações, tiveram o berço acalentado pela poesia de – [...] Descansa, ó Gigante, que encerras os fados, que os términos guardas do vasto Brasil... [...] E foi no estuar desses afetos, que nos habituamos a gozar com a contemplação de ideais.

A partir desta citação, pode-se afirmar que a poesia de Gonçalves Dias funciona como pedra angular da ideologia nacionalista que interpela a nação brasileira enquanto sujeito em constituição. Por essa via, o seu lirismo chega a ecoar até mesmo na letra do Hino Nacional brasileiro, escrita por Osório Duque-Estrada no início do século XX, a ponto de esta conter, dentre suas estrofes, os versos “nossos bosques têm mais vida” e “nossa vida (no teu seio) mais amores”⁴, pertencentes à “Canção do Exílio”, clássico poema do escritor maranhense. Assim como, faz-se notória, a paráfrase do enunciado “Gigante Adormecido” nos versos: “Gigante pela própria natureza” e “deitado eternamente em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo”.

Segundo Pêcheux (2009, p. 150), “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito) [...]”. Por conseguinte, Orlandi (1999, p. 65) afirma que:

O sujeito é assujeitado, pois para falar precisa ser afetado pela língua. Por outro lado, para que suas palavras tenham sentido é preciso que já tenham

⁴ O verso escrito por Gonçalves Dias continha apenas “nossa vida, mais amores”, enquanto no do Hino Nacional foram adicionadas as palavras “em teu seio”.

sentido. Assim é que dizemos que ele é historicamente determinado, pelo interdiscurso, pela memória do dizer: algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem que, no entanto, nos afetam em seu “esquecimento”.

Essa memória do dizer, a qual cita Orlandi (1999), possui suas características quando concebida em relação ao discurso; segundo a autora, a memória discursiva deve ser pensada e tratada em AD como *interdiscurso*, pois o mesmo é utilizado para definir tudo aquilo que “fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer [...], o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2009, p. 31).

Nota-se nesta afirmação que, para Orlandi, o conceito de *interdiscurso* se identifica com o de *memória discursiva*. Todavia, Indursky (2009) ressalta que os mesmos não podem ser confundidos, porque, ao contrário da *memória discursiva*, “o interdiscurso não é dotado de lacunas”, pois a sua natureza consiste em “reunir todas as vozes anônimas e todos os sentidos que já foram produzidos. E é por comportar todos os sentidos que ele se distingue da memória discursiva” (INDURSKY, 2009, p. 07). Por outro lado,

[...] a memória discursiva se refere aos enunciados que se inscrevem em uma FD, isto significa que ela não cobre todos os sentidos, como é o caso do interdiscurso, mas apenas os sentidos autorizados pela Forma-Sujeito no âmbito de uma formação discursiva (INDURSKY, 2009, p. 08).

Desse modo, a autora chega à conclusão de que,

por tudo quanto precede, entendemos que tanto a *memória discursiva* como o *interdiscurso* dizem respeito a uma memória coletiva, social, mas não se superpõem, não se confundem. A memória discursiva está circunscrita a uma FD específica, enquanto o interdiscurso representa a memória social referente a todas as FD que compõem o complexo com dominante (INDURSKY, 2009, p. 08-09).

Logo, em nível de esclarecimento, fica aqui registrado que, como o conceito de memória discursiva é o principal norteador teórico desta pesquisa, será observado, ao longo desta, que se optou pela adoção do termo *memória discursiva*, no sentido discutido por Indursky (2009); por conseguinte, a memória funcionando ao lado do conceito de *interdiscurso* – não como um conceito substituto, mas, sim, alternativo – com o intuito de se atingir, com maior clareza para o leitor, os objetivos aqui propostos.

Desse modo, partindo-se dos pressupostos teóricos acima citados, pode-se afirmar que, com a inserção parafrástica do enunciado “Gigante Adormecido” no Hino Nacional, há uma identificação, definitiva, da nação brasileira – enquanto forma-sujeito dominada por uma formação discursiva patriótica – com o discurso ufanista que idealiza o Brasil como um gigante que despertará no futuro, conforme é enunciado na seguinte passagem do hino:

“Brasil [...] és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grandeza”.

Porém, como “as palavras falam com outras palavras. [...] E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2009, p. 43), do mesmo modo que há “sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula [...]” e outro que promove “uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’” (PÉCHEUX, 1999, p. 53), pode-se apontar que, com a repetição do enunciado “Gigante Adormecido” na memória discursiva nacional, através da historiografia, da literatura romântica e do Hino Nacional, possibilitou-se a aparição da metáfora “O Gigante Acordou” (seja como propaganda, ou como palavra-de-order) em certos episódios de crise democrática na sociedade brasileira – alguns marcados pela participação massiva de cidadãos em protestos de rua.

2 “O GIGANTE ACORDOU” NO ESTADO NOVO, NA MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE E NA *KEEP WALKING, BRAZIL*

Uma dessas aparições do enunciado “O Gigante Acordou” em episódios de crise democrática na História brasileira ocorreu, de modo parafraseado, nos primeiros anos do Estado Novo (1937-45), quando, conforme cita Neto (2013, p. 326-327 apud PEREIRA, 2013, p. 62-63):

[...] a Revista Tico-Tico, pioneira na publicação de histórias em quadrinhos no Brasil, realizou uma promoção entre seus pequenos leitores, convidando-os a resumir, em uma única frase, suas opiniões sobre o presidente da República. O ganhador foi o menino carioca Joppert da Costa, que enviou a seguinte definição: “Getúlio Vargas é o despertador do gigante”.

Na oração criada pelo pequeno Joppert, a expressão “o despertador do gigante” caracteriza “Getúlio Vargas” como o grande responsável por despertar o Brasil (por exemplo: para o desenvolvimento social, econômico e/ou político). Porém, é importante salientar que, quando surgiu esse enunciado, Vargas presidia o país através do Estado Novo, governo ditatorial que fora implantado após um golpe de estado orquestrado pelo mesmo.

O Estado Novo foi caracterizado pela censura implacável e pela intensa perseguição política a todos aqueles que não se alinhavam à sua política populista. Em compensação, o governo promovia grandes manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas, além de incentivar, através do Departamento de Imprensa e Propaganda, apelos patrióticos na imprensa e nos livros didáticos⁵. Dessa forma, é dentro desse contexto de repressão e populismo que

⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira_República_Brasileira>.

surge o enunciado “Getúlio Vargas é o despertador do gigante”, proferido por uma forma-sujeito que enuncia a partir de uma formação discursiva patriótica que autoriza ser dito, no enunciado em questão, apenas os aspectos positivos do Brasil, em pleno Estado Novo (desenvolvimento econômico e implementação de políticas progressistas), e não autoriza mencionar a face obscura de um estado ditatorial que torturava presos políticos, censurava a imprensa e a literatura da época, manipulando a opinião pública com a imagem heroica de um líder populista.

Do ponto de vista sintático, observa-se que, na oração “Getúlio Vargas é o despertador do gigante”, a expressão “o despertador do gigante” cumpre a função de predicativo do sujeito, ou seja, caracteriza o sujeito “Getúlio Vargas” como aquele que fez o Brasil despertar para o progresso. E, como “todo dizer é ideologicamente marcado” (ORLANDI, 2009, p. 39), nota-se que, a partir dessa organização sintática, há uma realocação do sujeito responsável pelo despertar do “Gigante Adormecido” em relação ao proposto pelo Hino Nacional; pois, de acordo com o enunciado publicado pela Revista Tico-Tico, o mérito de despertar o Brasil se restringe aos atos de um líder populista e não mais à ação patriótica de todo povo brasileiro.

Outra aparição do enunciado “O Gigante Acordou” em um momento de crise democrática acontece em março de 1964, durante a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, quando setores conservadores da sociedade mobilizaram imensas passeatas em algumas cidades do país para protestar contra as “reformas de base”⁶, anunciadas pelo então presidente da república, João Goulart.

A primeira marcha foi realizada em São Paulo, no dia 19 de março, com a presença de aproximadamente quinhentas mil pessoas. No dia 25 de março, ocorreram outras marchas nas cidades de Curitiba e Santos-SP, sendo justamente nesta que se tem o registro do enunciado “O Gigante Acordou” estampado em um cartaz, conforme mostra a figura abaixo:



FIGURA 02: “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” em Santos-SP (MATIAS, 1964).

⁶ “Nome dado, pelo presidente João Goulart, às reformas estruturais propostas por sua equipe que contemplavam os setores: educacional, fiscal, político, urbano e agrário”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reformas_de_base>.

Devido o momento de instabilidade política que atravessava o Brasil, em uma época em que o mundo se encontrava polarizado pela Guerra Fria, as manifestações em que consistiram a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” funcionaram como o aval que alguns quadros das Forças Armadas necessitavam para desferir um golpe militar no dia 31 de março de 1964, levando o país a mergulhar em uma ditadura militar que perdurou por vinte e um anos. No dia posterior ao golpe, aconteceu mais uma marcha, desta vez na cidade do Rio de Janeiro, que levou cerca de um milhão de pessoas às ruas – esta marcha também ficou conhecida como a “Marcha da Vitória” – em comemoração ao triunfo dos militares sobre o governo João Goulart, considerado pelos manifestantes, pela grande imprensa da época e pelos militares golpistas como de tendência comunista.

A exposição de tais fatos históricos abre espaço, em torno da memória discursiva nacional, para uma reflexão sobre os sentidos do enunciado “O Gigante Acordou”, quando repetido no Estado Novo (parafraseado em “Getúlio Vargas é o despertador do gigante”), na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” e nas manifestações de rua ocorridas em junho de 2013.

Se há repetição é porque há retomada/regularização de uma memória que é social, mesmo que esta se apresente para o sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. Em nosso entender, se o discurso se faz no regime da repetição, tal repetição se dá no interior de práticas discursivas que são de natureza social. São os discursos em circulação nas práticas discursivas que são retomados e repetidos (INDURSKY, 2009, p. 02).

Segundo Orlandi (2009, p. 42),

o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam.

Ou seja, essas palavras tomam o seu sentido dessas posições-sujeito que enunciam a partir das formações ideológicas em que se inscrevem.

Desse modo, antes de eclodirem as manifestações de rua em junho de 2013, ocorre outra aparição do enunciado “O Gigante Acordou”, nos dias 07 e 09 de outubro de 2011, quando foi lançada, respectivamente, na internet (via *Youtube* e *Facebook*) e na TV, uma campanha publicitária da *Jhonnie Walker* intitulada “*Keep Walking, Brazil*”, que consistiu na circulação de um vídeo que causou grande impacto nos telespectadores brasileiros, ao mostrar o “Gigante de Pedra”, que jaz adormecido na baía de Guanabara, despertando e caminhando rumo ao oceano. No fim do vídeo, aparece o enunciado “o Gigante não está mais adormecido” em letras garrafais, conforme é demonstrado na figura abaixo:



FIGURA 03. Campanha “Keep Walking, Brazil” (Jhonnie Walker Brasil).

A “Keep walking, Brazil” foi a primeira campanha publicitária da Jhonnie Walker produzida para homenagear um país específico, e a escolha do Brasil não se deu por acaso, já que o país havia sido, em nível mundial, o segundo maior consumidor da marca naquele ano – ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Apesar de o mundo ainda sentir os reflexos da forte crise econômica iniciada em 2008, o Brasil então atravessava um processo de desenvolvimento econômico (já que fechou aquele ano como a sexta maior economia do mundo); assim, a empresa decidiu realizar a campanha para aumentar a visibilidade de sua marca em um mercado que já havia demonstrado ser um grande consumidor de seus produtos, alavancado pelo aumento do poder de compra da população brasileira aliado à forte absorção da marca no país.

A peça publicitária impressiona. Primeiro, porque há um rápido processo de transferência (metáfora) do enunciado “Gigante Adormecido” para “O Gigante Acordou”, parafraseado em “O Gigante não está mais adormecido”, ou seja, todo o processo de ressignificação, via efeito metafórico, que durou mais de um século para se operar na memória discursiva nacional, conforme se relatou acima, foi espetacularmente condensado em apenas um minuto – o tempo de duração do vídeo. Segundo, porque há, na campanha, um processo de “de-significação do discurso” (ORLANDI, 1999, p. 63) de exaltação patriótica contido no enunciado “O Gigante Adormecido” – conforme proposto pelo poema “Gigante de Pedra” e pelo Hino Nacional brasileiro –, já que relaciona tal enunciado apenas ao simples prazer de beber um bom uísque escocês, através da sua associação com o conhecido *slogan* da marca (“keep walking”) acrescentado pelo nome do país em inglês (“Brazil”), ao final do vídeo.

Um ano e sete meses após o lançamento desta campanha publicitária, testemunhou-se o ressurgimento do enunciado “O Gigante Acordou” nos protestos de junho de 2013, quando o mesmo foi utilizado massivamente pelos manifestantes em inúmeros cartazes expostos nas ruas e em diversas publicações na Internet. Dentre as publicações na grande rede, destacaram-se algumas que consistiam no vídeo publicitário da Jhonnie Walker reeditado pelos manifestantes em versões que não continham mais o *slogan* “Keep walking, Brazil”, nem expunham a marca da fabricante de bebidas alcoólicas. Nessas

novas versões, o enunciado “O Gigante Acordou” presente no vídeo original passou a ser utilizado como uma espécie de chamada patriótica que convocava todos os cidadãos brasileiros a participarem dos protestos que se intensificavam, a cada dia, nas ruas de diversas cidades do Brasil; ou seja, ocorreu, neste acontecimento discursivo, um processo de ressignificação do enunciado, de volta ao sentido já regularizado na memória discursiva desde a formação da identidade nacional, ainda no século XIX, o que remete às palavras de Pêcheux (1999, p. 52), a respeito da memória:

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as informações levantadas na atual pesquisa, observou-se que o enunciado “O Gigante Acordou”, enquanto dispositivo simbólico de exaltação patriótica, consiste em uma metáfora e/ou paráfrase do enunciado “O Gigante Adormecido”, que é reativado constantemente na memória coletiva através da letra do Hino Nacional brasileiro. O seu (re)surgimento, em alguns momentos de crise democrática, revela a unanimidade de uma esperança, no imaginário nacional, de que é chegado o grande momento em que o povo brasileiro enfim despertará de seu sono profundo para enfrentar, como um gigante, os perigos que o ameaçam enquanto nação livre e democrática.

Todavia, por se tratar de uma crença coletiva, “O Gigante Acordou”, ao longo da história brasileira, tem sido enunciado por diferentes sujeitos e vem assumindo sentidos diversos que se aliam e se contradizem no campo das relações discursivas. Afinal, segundo afirma Pêcheux (2002, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro [...]”. Assim, diante da diversidade de sentidos e sujeitos que se escondem sob a cortina da unidade aparente do enunciado “o gigante acordou”, a utilização do conceito de memória discursiva nesta pesquisa e do interdiscurso do qual ela se nutre, revelou-se um eficaz norteador teórico na difícil tarefa de se depurar, na opacidade do discurso, as transparências (os sentidos literais) dos enunciados aqui analisados, junto a seus efeitos de sentido. Tendo por base, um sentido de natureza patriótica, ampla e geral da sociedade e do povo brasileiros, este enunciado assume, como aqui foi observado, contornos bem definidos e não necessariamente iguais, a depender de quem o fala e de onde fala. Esse é o funcionamento da linguagem, o qual se quis explicitar neste texto.

Além disso, com o levantamento feito nesta pesquisa, sobre as condições de produção do enunciado “O Gigante Acordou” na memória discursiva nacional, observou-se uma tendência de haver aparições suas, em larga escala, quando a população está mergulhada em uma onda de patriotismo e deposita todas as suas esperanças em um grande benfeitor, como foi o caso de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, e dos militares, durante as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, ou quando deposita as suas esperanças em uma saída pragmática de uma crise democrática, como, por exemplo, o fim da corrupção, conforme ocorreu recentemente nos protestos de junho de 2013.

Nota-se que, nas três situações enumeradas, o enunciado “O Gigante Acordou” está relacionado a uma solução política que sempre envereda por um viés moralista, reduzindo a ampla seara da ação política a apenas um de seus aspectos: neste caso, a moral. Considerando-se esta tendência histórica do enunciado “O Gigante Acordou”, abre-se espaço então para perguntas que podem nortear futuras pesquisas: por que o mesmo não surgiu, ou não se destacou, durante o movimento “as Diretas Já”, em 1985? Por que o mesmo não surge com força também no movimento dos “caras-pintadas”, em 1992?

A busca por respostas para questões tão complexas como estas passa obrigatoriamente por um estudo sobre tais episódios, investigando assim os motivos que impossibilitaram o surgimento ou a popularização de tal enunciado durante os mesmos, o que recairia em hipóteses norteadoras do tipo: pelo fato de os manifestantes das “Diretas Já!” ainda estarem diante da Ditadura Militar, assim como, pelo fato de os “caras-pintadas” ainda estarem a um tempo muito próximo da mesma; ou, ainda, por haver resquícios de censura e da memória do medo das torturas praticadas durante o regime militar. Para tanto, seria necessária a realização de outra pesquisa a partir de uma abordagem teórica com base nos conceitos de *memória*, *dito*, *não-dito*, *sentido* e *silêncio*, para tentar desenvolver tais hipóteses, a partir dos dados já levantados na atual pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Manoel. O Brasil nação. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CASTRO ALVES, A. F. Espumas flutuantes. Salvador: Typ. de Camillo de Lellis Masson & C., 1870. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00042900>>. Acesso em: 15 out. 2013.

GONÇALVES DIAS, A. Últimos cantos. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00634600>>. Acesso em: 15 out. 2013.

INDURSKY, Freda. Memória, interdiscurso: limites e contrastes. (Texto xerocopiado apresentado no IV Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, evento realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista, Bahia, junho de 2009).

MATIAS, Rodrigues. *Marcha da família com Deus pela liberdade*. São Paulo, 1964. Disponível em: <<http://es.scribd.com/doc/46273597/Marcha-da-Familia-com-Deus-pela-Liberdade-1964>>. Acesso em: 03 set. 2013.

NETO, Lira. *Getúlio: 1930-1945 – do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e fundamentos*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução de J. H. NUNES. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 59-69.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução de J. H. Nunes. 2 ed. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 49-56.

PEREIRA, Marcus V. C. Os discursos sobre a prisão no Estado Novo em *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos. 2013. 75 p. Dissertação (Mestrado em Linguagens) – Programa de Pós-graduação em Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

VARNHAGEN, F. A. de. *História geral do Brasil*. Madrid: Imprensa da V. de Dominguez, 1854. v. 1. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01818710>>. Acesso em: 15 out. 2013.